

Toda a estrutura nasce da vida e existe para libertar a vida. Daí o seu carácter ambivalente: a estrutura é um progresso na medida em que cristaliza em expressão jurídica e institucional uma realidade já amplamente vivida e verificada pela experiência; a estrutura é insuficiente e ambígua na medida em que o tempo gasto na sua materialização é tempo em que a vida continua a criar novas aspirações e a abrir novos caminhos. O "Concilium de Laicis" não constitui excepção. Nascido da vida do apostolado leigo e da reflexão decorrente dessa vida, o "Concilium" é uma instituição com possibilidades grandes de libertar novas forças e novo dinamismo no apostolado dos leigos. Aparelho complexo no seu travejamento teórico e prático, o "Concilium" não está apto a responder a muitas interrogações que a vida da Igreja tem suscitado nos últimos anos e a sua existência parece até pertencer a uma época já ultrapassada. Tentarei, neste artigo, esboçar a identidade própria do "Concilium" e a sua utilidade específica neste momento da história da Igreja. Para tal, terei de situar o "Concilium" na perspectiva histórica que o gerou e no hoje da Igreja.

Alguns elementos para a génese do "Concilium de Laicis"

No ano em que se celebra o centenário da Acção Católica italiana torna-se evidente que o "apostolado dos leigos" na sua forma dos tempos modernos é uma realidade com fundas raízes históricas. Outros agrupamentos de carácter diocesano ou nacional procuraram, nestes 100 anos, assegurar uma participação cada vez mais real dos leigos à missão evangelizadora da Igreja. É certo que essa "participação" era encarada sobretudo numa perspectiva pragmática de evangelização dum mundo que o positivismo e a industrialização dos fins do século XIX pareciam afastar cada vez mais da Igreja: "a falta de padres exige maior responsabilidade dos leigos", "os leigos podem estar onde os padres não podem entrar", etc. Teologicamente (ou pastoralmente) os leigos eram considerados como cooperadores ou participantes do apostolado da Hierarquia. E não vai longe o tempo em que os leigos mais empenhados na missão salvadora de Cristo no mundo se sentiam felizes quando eram "reconhecidos" pelos Bispos na frase então corrente: "Vós também sois a Igreja". Havia sinceridade na afirmação e havia verdade no contentamento com que era acolhida - os leigos, desejosos de "servir a Igreja", desejavam ser parte inteira da Igreja viva. Foi longo o caminho percorrido para que essa afirmação ganhasse força teológica e impacto sociológico.

Não foi indiferente nesse processo o surto de apostolado leigo que no início da década de 1920-1930 se cristalizou em três movimentos diferentes, atestando cada um de uma visão que se classificou já de carismática - refiro-me à JOC, ao Movimento Internacional dos Estudantes Católicos e ao Graal. A temática de base era diversa. A JOC assentava no "ver, julgar, e agir" como método e no princípio de que o operário é o apóstolo por excelência do meio operário; o MIEC aceitava desde o início a pluralidade de grupos de estudantes, decorrente da conjuntura socio-cultural dos respectivos países, e dinamizava a federação que eles constituíam através do objectivo de "cristianização da Universidade, da cultura e de todas as actividades que daí decorrem". O Graal aproveitava as novas condições criadas pelo pós-guerra à vida feminina para dar corpo à intuição de que a "outra metade" da humanidade poderia, ao tornar-se consciente da sua capacidade específica de dom e





de trabalho, constituir uma força nova na "conversão do mundo" .

Embora a temática fosse diversa tinham estes três movimentos dois elementos comuns . Ao primeiro poderá chamar-se a consciência universal, na medida em que, desde o início, se viam abarcando no mesmo dinamismo, leigos de diferentes raças e países . Nesta consciência de uma dimensão internacional, verdadeiramente católica, viria a enraizar-se mais tarde o reconhecimento do apostolado dos leigos como uma tarefa ou uma situação de perspectiva mundial, ponto de apoio para a compreensão existencial da realidade do Povo de Deus, tão intensamente delineada por Vaticano II .

O segundo elemento comum alterava, de modo radical, a noção até aí existente de que o apostolado leigo era uma tarefa "auxiliar", um sucedâneo da ação sacerdotal requerido pelas condições dos tempos . Os leigos não eram "objecto" da acção evangelizadora dos clérigos mas passavam a ser sujeitos responsáveis dessa acção, em estreita colaboração com os clérigos (1) . Vaticano II, na Constituição Dogmática "Lumen Gentium" exprime teologicamente esta realidade ao descrever a Igreja como Povo de Deus (cap. II) e ao situar, nesse contexto, a Hierarquia (cap. III) e os leigos (cap. IV), estabelecendo, por varias vezes, a relação entre Hierarquia e leigos . O Povo de Deus aparece em Lumen Gentium como uma realidade única, a comunidade dos já salvos pelo baptismo em que a Hierarquia exerce desde o início, "o ministério da comunidade" (cap. III, & 20), estruturando-a vitalmente . Compreende-se assim que a mesma Constituição afirme que "os pastores sagrados ... sabem que não foram instituídos por Cristo para assumirem sozinhos a missão salvífica da Igreja no mundo, consistindo a sua magnífica tarefa em compreenderem a sua missão de pastores em relação aos fiéis e a reconhecerem os ministérios e as graças próprias dos fiéis, de modo que cada um à sua maneira e na unidade traga a sua contribuição à obra comun" (L.G. cap. IV, & 30) .

Não se criou sem dificuldades esta consciência nova do apostolado leigo . (Talvez mesmo, em muitas circunstâncias, ela necessita ainda de ser desperta !) . Trata-se nesta perspectiva de um fenómeno novo, tornado possível por todas as experiências anteriores mas que só muito recentemente ganha suficiente consistência para que se possa afirmar que Lumen Gentium descreve não só um ideal mas uma realidade-em-esboço . Assim, no continente norte-americano, onde a Igreja católica era formada pelos mais pobres e mais desprovidos dos bens da cultura e onde a hierarquia era de origem irlandesa, a situação de dependência leigo-clérigo mantém-se até cerca de 42-44, momento em que surge o "apostolado leigo" através dos "cursos de formação apostólica" organizados pelo Graal e das "casas de amizade" do meio operário, concebidas e dinamizadas por Dorothy Day . Na América Latina, é também o período correspondente à II Guerra Mundial que permite, através da presença do alemão no exílio Rudolf Salat, a constituição de grupos de estudantes católicos que se tornam, mais do que em qualquer outro continente, células fortes do pensamento cristão .

Nos continentes asiático e africano, o movimento de apostolado dos leigos data da 2ª metade da década de 50 - fenómeno recente, de contornos mal definidos, onde se sobrepõem duas concepções diferentes de "missão" e "evangelização" (a correspondente ao período colonial dos séc. XVI a XIX que isola a missão como uma actividade da Igreja para o "exterior" e aquela que vê a "missão" em países de maioria cristã como parte da dimensão missionária coextensiva a toda a Igreja) .

Todo este fervilhar de compromisso e de acção vai ganhando importância ao plano internacional - não é por acaso que o período mais intensivo de organização do apostolado leigo internacionalmente (de 1952 a 1957) coincida com o período em que

(I) - Quero prestar aqui homenagem ao assistente eclesiástico com quem trabalhei nos primeiros passos da minha vida de membro responsável da Igreja - refiro-me ao incansável P. Dr. Domingos MAurício dos Santos, s.j., ...

o esforço de pensamento teológico sobre o apostolado tem maior impacto (2) . Nessa época os leigos mais responsáveis não só procuram encontrar os fundamentos doutrinários da sua acção como analisam o meio em que vivem e a estratégia da missão nesse meio . (Recordem-se, em Portugal, o 1º - e único ! - Congresso Nacional da Juventude Universitária Católica (1953), o Congresso da JOC (?), a da Acção Católica, (?), o Grande Encontro da Juventude (1963 ?)

Encontros internacionais aguçam a consciência de que o apostolado leigo é uma realidade em marcha e que deve ser promovido . Em 1952 criava-se em Roma o Comité Permanente para os Congressos Internacionais do Apostolado dos Leigos (Copecial) que, embora, não fazendo parte da estrutura da Cúria romana, estava directamente em contacto com a Secretaria de Estado da Santa Sé . A sua acção pode ser resumida nas palavras com que Paulo VI^o ^{se dirigia} aos responsáveis do Copecial : "estimular o apostolado, escolher as linhas directrizes, coordenar os esforços" . Descrever a acção que realizou em 13 anos de existência o Copecial seria uma longa tarefa ; basta enunciar aqui alguns dos momentos-chave da sua vida intensiva : a realização do II e do III Congresso Mundiais para o Apostolado dos Leigos, permitindo uma tomada de consciência, ao nível do planeta, da missão comum a viver por todos os leigos ; os primeiros encontros regionais para o Apostolado dos Leigos em África (1953), na Ásia (1955), na Europa (1960), levando assim os grupos existentes a tomarem conhecimento dos esforços realizados no mesmo espaço geográfico e a conjugarem esses esforços ; cerca de 12 reuniões de peritos sobre temas especializados que apareciam com particular urgência teológica (doutrinária e pastoral) . O Copecial publicava ainda com regularidade um pequeno boletim de informação sobre a acção organizada dos leigos no mundo que, embora pouco lido na Europa, estimulou relações e iniciativas correspondentes ao objectivo que inicialmente o Copecial se dera : "... uma vasta animação, no sentido horizontal, destinada a percorrer toda a cristandade" .

Fundação Cuidar o Futuro

Paralelos a este esforço de pensamento, acção e organização do apostolado dos leigos ao plano internacional, dois outros movimentos desempenham uma função importantíssima na promoção do apostolado dos leigos - refiro-me especialmente aos movimentos de renovação litúrgica e bíblica . Os leigos vêm-se empenhados, ao mesmo tempo que os clérigos, na renovação litúrgica . Aí tomam mais consciência da sua dignidade de membros vivos da "ecclesia" cristã, da sua responsabilidade na celebração da Eucaristia, da relação íntima existente entre os seus actos quotidianos e o Mistério Pascal de Cristo . Pelo movimento bíblico os leigos, nos países predominantemente católicos ou de "missão", tomam, pela primeira vez, contacto vivo e directo com a Bíblia, História da Salvação que o Cristo vem revelar ; Nos países em que a coexistência com as Igrejas nascidas da Reforma tornara a Bíblia familiar os leigos libertam-se do carácter episódico do A.T. ou da forma moralista e puritana que encontram no N.T. para descobrirem a Palavra de Deus viva e actuante .

O III Congresso Mundial do Apostolado dos Leigos, realizado em Outubro de 1967, foi um magnífico "fecho" de toda esta procura, pela afirmação da vitalidade e do engajamento dos leigos de todos os continentes em todos os aspectos da vida da Igreja . Começava uma nova etapa, a que é marcada pela existência do "Consilium de Laicis" .

(2) - É em 1954 que o P. Congar publica o livro, já clássico hoje, "Jalons pour une théologie du laicat" e é em 1957 que se exprime o debate Karl Rahner-Urs von Balthazar sobre o possível significado da condição de leigo .



O "Consilium de Laicis" na sua realidade actual



No cap. IV de Lumen Gentium afirma-se a vocação própria dos leigos "chamados por Deus para trabalhar por dentro na santificação do mundo" (§ 31), acentua-se que "quando à dignidade e à actividade comum a todos os fiéis para a edificação do Corpo de Cristo, reina entre os fiéis e os pastores uma verdadeira igualdade" (§ 32), identifica-se a missão dos leigos com a missão da Igreja ao afirmar-se que "a todos os leigos (...) cabe a nobre tarefa de trabalhar de modo a que o desígnio salvador de Deus chegue cada vez mais a todos os homens de todos os tempos e de toda a terra" (§ 33); descreve-se a vida dos leigos em termos da tríplice função da Igreja: sacerdócio universal (§ 34), profecia (35) e realza (§ 36).

No decreto sobre o apostolado dos leigos promulgado por Vaticano II esboçam-se algumas linhas de orientação prática que decorrem da visão da Igreja tão profundamente evangélica ^{actual} dada por Lumen Gentium. Em particular decide o decreto a instituição dum organismo "para o serviço e a promoção do apostolado dos leigos" (Apostolicam Actuositatem, § 26). Uma Comissão Post-Conciliar estudou a forma mais adequada para a realização de tal decisão. Um "Motu proprio" de Paulo VI, dado em Roma na Epifania de 67 criava dois novos organismos: o "Consilium de Laicis" e a "Comissão Pontifical Justiça e Paz".

Os objectivos do Consilium de Laicis são definidos nestes termos no Motu Proprio:

"Terá como objectivo trabalhar para o serviço e para a promoção do apostolado leigo; ocupar-se-á em particular do seguinte:

1) promover este apostolado ao plano internacional ou realizar a coordenação do que já existe e a sua ^{actual} inserção cada vez maior no apostolado geral da Igreja; permanecer em ligação com o apostolado ao plano nacional; agir de forma a ser um lugar de encontro e de diálogo no seio da Igreja, entre a Hierarquia e os leigos, e entre as diversas formas de actividades dos leigos, no espírito das últimas páginas da Encíclica "Ecclesiam Suam"; promover Congressos internacionais para o apostolado dos leigos; velar pela fiel observância das leis eclesiásticas que dizem respeito aos leigos;

2) ajudar com os seus conselhos a Hierarquia e os leigos no que respeita às actividades apostólicas;

3) realizar estudos que contribuam para o aprofundamento doutrinal das questões relativas aos leigos, e sobretudo estudar os problemas que se levantam no domínio do apostolado, em particular a inserção dos leigos na pastoral de conjunto. Tais estudos poderão conduzir a publicações;

4) dar e receber informação sobre o apostolado dos leigos, e além disso constituir um centro de documentação que poderá fornecer orientações para a formação e ser uma ajuda preciosa para a Igreja".

No mesmo Motu Proprio são definidos os objectivos da Comissão Pontifical Justiça e Paz. Tanto o objecto de cada um dos organismos como os fins que lhes são atribuídos aparecem como nitidamente diferentes. Enquanto o domínio de actividades de "Justiça e Paz" aparecem, como de fácil definição (numa primeira tentativa), o Concelho dos Leigos surge, apesar das acções concretas que lhe são atribuídas, como mais difícil de delinear. A primeira ambiguidade do Concelho dos Leigos faz-se, assim, já sentir na sua definição.

Para que os esforços dos dois organismos sejam concomitantes, é-lhes dada uma mesma presidência e estruturas paralelas. O presidente é o Cardeal Maurice Roy, Arcebispo de Québec. Compõem o Consilium, um Secretariado, membros e

consultores . Neste momento, a composição global do Conselho é a seguinte :

S.E.R. Mgr. Alberto CASTELLI,	Arcebispo Tit. de Rusio, Vice-Presidente
Mgr. Achille GLORIEUX,	Secretário
M. Mieczyslaw de HABICHT,	Vice-Secretário
Melle Rosemary GOLDIE,	Vice-Secretária

Membros :

M. José ALVAREZ ICAZA
M. Joseph AMICHIA
Prof. Vittorio BACHELET
Melle Marguerite FIEVEZ
S.A. Karl FURST zu LOWENSTEIN
M. Alain GALICHON
M. Patrick KEEGAN
Prof. Joaquin RUIZ-GIMENEZ CORTES
M. Rienzi RUPASINGHE
Prof. Juan VAZQUEZ
Melle Maria H.C. VENDRIK
M. Martin H. WORK
Dr. Shin CLEMENS ANZAI
Melle Branca DE NELLO FRANCO ALVES
Melle Hélène LEBLANC



Consultores :

Sua Eminência o Sr. Cardeal Karol WOJTYLA, Arcebispo de Cracovie
S.E.R. Mgr. Jean ZOA, Arcebispo de Yaoundé
S.E.R. Mgr. Emilio GUANO, Bispo de Livourne
S.E.R. Mgr. Stefan LASZLO, Bispo de Eisenstadt
S.E.R. Mgr. Marcos MCGRATH, Bispo de Santiago de Veraguas
S.E.R. Mgr. Jacques MENAGER, Bispo de Meaux
S.E.R. Mgr. Derek WORLOCK, Bispo de Portsmouth
R.P. Wilhelm MOHLER, Reitor Geral da Sociedade do Apostolado Catolico
Melle Pilar BELLOSILLO
Prof. Luigi GEDDA
M.P.T. KURLAKOSE
M. Jean LARNAUD
Prof. Ramon SUGRANYES DE FRANCH
Dr. Bernard CHIDZERO
M. Jeremias MONTEMAYOR

Esta composição e o modo como se realizou (nomeação pelo Santo Padre) foram fortemente contestados por ocasião do III Congresso Mundial do Apostolado dos Leigos . Desejavam-na muitos mais representativas.. Embora o esforço de incluir continentes, tendências e expressões várias esteja patente na lista indicada acima, reconhece-se que há que caminhar para uma mais larga representatividade . Importante é, porém, ter em conta os seus limites - sabemos por demais, situações sem saída em que uma representação de fachada coloca instituições e estruturas válidas, minando-as desde o início pela pouca confiança que despertam .



Desejavam outros que o Conselho fosse eleito pela "base" . Mas - importa esclarecer - quem é a base ? Estará o apostolado leigo suficientemente estruturado e organizado (mesmo quando a sua opção é a da não-organização, através dos grupos informais ou de associações de fronteiras fluidas) para que se possa falar de uma "base" ? Parece-me que neste momento da história da Igreja, o Conselho tem de aceitar-se como uma super-estrutura que, mesmo numa concepção piramidal de organização, carece dos "patamares" (continentais, regionais, nacionais, diocesanos) que lhe serviriam de apoio e de distribuidores de energia .

Após a criação do Conselho, o Cardeal Roy escreveu a todas as Conferências Episcopais pedindo sugestões para pôr em execução as directivas do Motu Proprio ; o Secretário-Geral fazia idêntica tentativa junto de todas as organizações internacionais católicas e das comissões nacionais do apostolado dos leigos (nos países em que estão constituídas) .

Este primeiro passo de diálogo e de consulta abriu caminho para o modo normal de trabalho do Conselho . As sugestões, ideias, opiniões assim recolhidas são objecto de estudo e de análise nas Sessões Plenárias do Conselho . Até esta data realizaram-se 5 Sessões Plenárias, estando a próxima prevista para Outubro 1969 .

Por ocasião da 3ª Sessão Plenária, o Conselho criou um sub-grupo - "o grupo de planeamento" - destinado a "trabalhar com o Secretariado do Conselho para orientar em conjunto o trabalho futuro do Conselho, discernir as tarefas imediatas e as tarefas a longo prazo, decidir as prioridades das actividades e deliberar sobre os problemas em relação aos quais o Secretariado não quer sozinho assumir responsabilidade" .

Criaram-se, além disso, dentro do Conselho, comissões de trabalho sobre "Apostolado ao plano Nacional", "Apostolado ao plano Internacional", Direito Canónico, Ecumenismo, Finanças, Doutrina e Investigações, "Vida da Família", e um grupo de trabalho "Juventude" (1) .

Fundação Cuidar o Futuro

O Conselho, no curto período da sua existência, tem desenvolvido uma actividade impressionante que só a grande experiência de muitos dos seus membros pode explicar . Mas o Conselho sofre também as consequências dessa "sobrecarga" de experiência - é uma maquinaria pesada, complicada ainda, em que o Secretariado se vê na constante dependência das decisões das Sessões Plenárias para poder agir . Apesar dessa estrutura ainda "burocrática", o Conselho dos Leigos pertence já à "nova vaga" da Cúria - organismo bastante livre, autónomo, embora com uma relação frequente e orgânica com a Secretaria de Estado . Classificado como um dicastério da Cúria, e no espírito da reformada Cúria, o Conselho dos Leigos tem um contacto frequente com os outros dicastérios cujo campo de acção ou preocupações dizem respeito aos leigos . Assim, há uma relação de trabalho frequente com os organismos "novos" : a Comissão Justiça e Paz, o Secretariado para a Unidade dos Cristãos, a Comissão Pontifical para as Comunicações Sociais ... e com as Congregações mais antigas : da Doutrina da Fé, dos Bispos, do Clero, da Evangelização dos Povos, da Educação Cristão..

Neste circuito de temas e de aspectos relativos à vida dos leigos vem entrosar-se outro : o da homogeneidade de continentes ou regiões do globo que o Conselho é chamado a considerar no seu conjunto . Assim está em preparação uma Conferência Africana para 1971, com o objectivo de estudar, através da experiência, o papel e acção dos membros do Povo de Deus na evolução do continente africano ; o Conselho está em contacto directo com o CELAM e as suas diferentes comissões : o Conselho mantém há um ano projectos de acção e análise da acção no Japão, na Malésia e na Índia . Quando à Europa, o Conselho decidiu dar aos grupos existentes "um testemunho de interesse activo por aquilo que já se faz"...



Interrogações postas pelo Conselho

Reconhecida a validade e a necessidade do Conselho permanece uma grande e profunda ambiguidade - haverá lugar na Igreja, Povo de Deus em marcha, para um Conselho dos Leigos? O Concílio Vaticano II descreveu de forma clara o Povo de Deus. Reconhecendo que a Igreja é basicamente a comunidade dos crentes estruturada, por vontade de Cristo, desde o início, não haverá que pensar uma estrutura que corresponda a esta realidade? Quer dizer, não haverá que pensar uma estrutura em que o Povo de Deus seja conjuntamente responsável, salvaguardando o primado de Pedro e do Colégio apostólico no seu seio?

A interrogação põe-se ao plano universal mas ela é válida com maior ou menor acuidade ao plano das Igrejas locais ou das províncias eclesiásticas. O Concílio Pastoral de Holanda - como o de Rouen em dimensão mais limitada vieram mostrar, através das próprias dificuldades que levantaram, a realidade quotidiana do problema: os leigos também presentes numa nova estrutura da Cúria ou os leigos à parte? os leigos num Conselho pastoral nacional (ou diocesano) ou os leigos num conselho de apostolado leigo nacional (ou diocesano)?

Um olhar lúcido para o mundo mostra que é ainda necessário estimular o apostolado leigo. Daí uma afirmação pragmática do Conselho, não deixando de o considerar, na sua forma presente, uma instituição "ad experimentum". Mas talvez a ideia do Conselho vá mais longe do que permite ve-lo a presente conjuntura. Quem escolhe ser leigo não escolhe ser clérigo... O que implica esta escolha da condição de leigo? Sabemo-lo? Entra aqui um jogo o Plano da Salvação, o sacerdócio universal que decorre do baptismo, uma certa maneira de estar no mundo... Mas não será essa maneira as inumeráveis maneiras possíveis de viver e agir? Será o leigo que importa definir? ou, pelo contrário, como escrevia recentemente o P. Congar e como o demonstra o mal-entendido reinante entre os pais, não será o padre que é preciso definir no conjunto do Povo de Deus? (Tomo aqui leigo em "oposição" a padre e não a "religioso" por ser essa posição a mais conforme com o estudo decisivo feito pelo P.I. de la Potterie (4) sobre a palavra "leigo" na Escritura)

O Conselho debate-se com o seu próprio conteúdo. O que engloba? Sendo plataforma é exclusiva ou é uma entre outras? O problema não é teórico mas real. Pôs-se de forma explícita este ano quando foi convocada (e depois adiada) a Conferência das O.I.C., organismo que reúne algumas das organizações Internacionais Católicas existentes e que nasceu nos anos 50 dum desejo de coordenação e intercâmbio. Pareceu a muitos - e parece-me a mim também - que o Conselho absorve órgãos temporários como foi a Conferência das O.I.C.. Argumentam outros que a liberdade de associação continua a ser possível - e é verdade!

Outra dificuldade é o entozamento do Conselho no apostolado local. Por que via? O das organizações Internacionais? Seria orgânico. Mas há numerosos grupos de leigos que têm um cunho e estrutura exclusivamente locais. Serão então as Conferências Episcopais o veículo? Argumenta-se que é "clericalizante" fazer passar sugestões e ideias pelas Conferências Episcopais ou indica-se o carácter ainda incipiente, não-"rodado" de algumas dessas Conferências (e.g., EUA; países asiáticos).

(3) - Para informação mais pormenorizada consultar "laics aujourd'hui", Bulletin du "Consilium de Laicis", (Piazza S. Calisto, 16, Roma) de que saíram já 3 números.

(4) - L'origine et le sens primitif du mot "laic", in Nouvelle Revue Théologique, 80 (1958), Pg. 840-853

A dificuldade maior é, sem dúvida a do conteúdo mesmo das responsabilidades do Conselho . Não devem estar os leigos envolvidos na promoção da Justiça e da Paz ? Começam a estar ... (note-se que a maior parte dos países, numa estrutura nova, teceram-na com conceitos antigos ... - Qual o lugar dos clérigos nestas estruturas ! porque são clérigos ou porque são competentes ? Pessoalmente vejo uma e outra coisa como possíveis) . Não devem os leigos estar envolvidos na promoção da unidade entre os cristãos ? Começam a estar ... (nota-se que o problema não é próprio à Igreja Romana Católica - é comum a todas as Igrejas !) mas só há clérigos nos lugares de pensamento da unidade ... (exceções :

e o "Joint-Working Group" que inclui clérigos e leigos) . Não devem os leigos estar envolvidos na Evangelização dos Povos ? Mas não é do meu conhecimento a presença de leigos na Congregação que se chamava de Propaganda da Fé !...

A serie seria longa, ainda que só tocasse os organismos criados pelo Concílio ou remodelados já após o Concílio .

Reconheço que as interrogações levantadas não são apenas vazias da estrutura . São interrogações da vida cristã . Relação da Igreja e do mundo ... onde está a charneira ? existe ou há uma interpenetração constante e flutuante das duas realidades ? Na problemática levantada por esta questão vital, a ausência de leigos é evidente ; os técnicos, os homens da sociedade de amanhã sabem que Apolo XI tem 80 % de probabilidades de ser um sucesso e podem reconhecer a ruptura, a solução de continuidade entre a técnica mais aperfeiçoada e o Reino ... Em contrapartida, os humanistas que são em geral os fazedores de teologia maravilham-se (e com razão) perante a técnica mas não sentem na sua carne a ambivalência, não moral, mas metafísica, do mundo ...

A distribuição dos ministérios na Igreja

O que é o ministério ? que relação tem com os carismas ? Não é fundamental reconhecer que os carismas são suscitados pelo mesmo Espírito em ordem à edificação do Corpo e que há assim uma variedade imensa de ministérios ? Não somos todos - leigos e clérigos - detentores de carismas que nos conduzem a ministérios próprios ? E não é importante reconhecer que o ministério de ordenação se depende de um carisma próprio pertence a uma "ordem" diferente ? É certo que ficam em suspenso as coordenadas do ministério de ordenação, mas há, pelo menos, uma primeira achege ...

A vida evangélica dos cristãos

Como se alimenta ? Como se fortifica ? Quem a suscita ? gerada pelo baptismo, os irmãos tornam-se no seu conjunto "Ecclesia mater", geradores da vida segundo o Espírito . Onde estabelecer fronteiras ? Só nos sacramentos (e mesmo assim só em alguns) ? Ou haverá de facto uma ressonância ontológica especial no "se me amas, Simão Pedro, apascenta as minhas ovelhas" ? Pessoalmente capto essa ressonância sem a saber ainda formular adequadamente .

Todas estas interrogações levantam outra, muito mais simples mas infinitamente mais difícil de ser respondida . Quem são os leigos ? Não me parece ser válida uma visão tão estática da vida humana . São aqueles que "foram ao catecismo" ? São aqueles que, "apesar" de cristãos, o mundo louva e prestigia pela sua competência ou poder ? Parece-me que os leigos são homens e mulheres envolvidos na trama da

Fundação Cuidar o Futuro



vida em todos os seus múltiplos planos e que querem crescer constantemente na fé, ao menos até ao mesmo nível da sua competência em outros domínios . Poderá a fé ser a força integradora das suas vidas, ainda que eles conduzam naves espaciais ou criem um estilo novo de vida política ? Se a Fé é uma força, então, sim, as interrogações que levantei acima são legítimas e convém responder-lhes pela vida . Mas se a Fé é uma roupagem, se a ela não é dada o tempo que a consolida e estudo que a fortalece e o repouso que a interioriza, então a resposta a estas interrogações é uma grande fraude . Melhor, as interrogações deixam de ter sentido . Porque se acredita que o clérigo, ao menos "por ofício" se dá "às coisas do Pai" ...4 E, nesse caso, os leigos continuarão a ser as criancinhas que lhe foram confiadas e as estruturas são um balão vazio a complicarem todas as coisas ...

A uma primeira leitura parecerá céptica esta visão da problemática (ou da eclesiologia) suposta pelo "Consilium de Laicis" . Não o é em intenção . Considero a estrutura necessária mas reconheço que no momento actual da vida da Igreja, mesmo quando todos nós, clérigos e leigos vivermos plenamente a nossa condição, há ambiguidades que só o tempo, a experiência reflectida e decantada - ajudara a resolver . Por isso o "Consilium de Laicis" foi criado "ad experimentum" ;;;;. Mais, acredito que ele pode ser uma plataforma dinâmica para o encontro de todas as tendências - só por si um convite à aceitação do pluralismo -, uma salvaguarda das ~~minorias~~ minorias - geograficamente localisáveis ou proféticas nas suas intuições, um estímulo para a responsabilização crescente dos cristãos, um instrumento para a unidade, uma força catalizadora para o anúncio da Boa Nova .

Fundação Cuidar o Futuro

